



Hub de Lideranças

Exercitando a cidadania em todo o Brasil

instituto
VOTORANTIM

 **programa**
cidadania

Introdução

O Hub de Lideranças surge a partir da definição estratégica do Programa Cidadania do Instituto Votorantim. O Programa realizado, faz parte de sua frente de atuação no tema de fortalecimento da prática cidadã no Brasil.

O projeto foi criado e desenvolvido com o objetivo identificar lideranças territoriais de todo o Brasil e contribuir com o fortalecimento dos seus conhecimentos e competências através de mentorias e uma trilha de capacitações em ferramentas e conteúdos relevantes para potencializar sua atuação como líder.

Partimos da premissa de que existem questões locais que podem ser elementos de mobilização e motivação da participação coletiva e do exercício da cidadania. Por isso, potencializar a atuação de lideranças que já trabalham no tema, fortalecendo suas competências individuais, foi a transformação proposta neste projeto. Buscamos indivíduos com ações reconhecidas de engajamento cívico e social em suas comunidades, sem ligação partidária, formal ou não.

Para isso, desenhamos uma jornada em torno de cinco temas de trabalho:

Participação e propósito:
reconhecer-se no
protagonismo de
transformação social

Decolonialidade:
conceitos e práticas

Estratégias de diálogo,
comunicação e
mobilização social

Conhecimento político
como ferramenta para
ampliação de impacto

Planejamento e gestão
de pequenos projetos

Convidamos você a conhecer um pouco mais sobre como cada tema permeia a atuação de diferentes lideranças sociais no país.



Decolonialidade: conceitos e práticas

Em Arruaças: uma filosofia popular da rua, os escritores Luiz Rufino, Luiz Antonio Simas e Rafael Haddock Lobo defendem que existe um Brasil institucional – organizado pelas normas, os contratos, as infinitas burocracias e uma visão de mundo eurocentrada, e existe a brasilidade – que é o campo de invenção da vida fora de tudo que é hegemônico e fruto de herança colonial.

Em seus estudos, os três defendem que existe uma luta diária, simbólica e que muitas vezes alcança o mundo prático, entre esses dois modelos de país, entre essas duas matrizes de pensamento, que desaguam em projetos de futuro radicalmente opostos. A aspiração individual e a crença na cultura da meritocracia são sintomas do primeiro modelo, enquanto para o segundo, a vida é compreendida como algo para engradecer a nós mesmas e a quem está ao nosso redor. Só se existe com o outro.

As ruas, os becos, os terreiros e tambores, as tranças são alguns dos muitos símbolos dessa matriz de pensar e agir que organiza um futuro em que todas as formas de ser e estar são bem-vindas, respeitadas e consideradas. A formulação desse projeto de sociedade, de futuro e de país radicalmente diferente do que existe hoje passa por um rompimento com o que os autores chamam de quebranto colonial – um estado de adoecimento atribuído pelo olho grande da dominação.

Diariamente, lideranças em todos os cantos do país trabalham por esse rompimento colonial, e mais que isso, formulam em saberes e fazeres práticos outros brasis realizáveis, necessários e urgentes. Recolocando, como defende a filósofa Lélia Gonzalez, o povo negro, os povos indígenas e quilombolas, as mulheres, como o centro da formulação cultural brasileira. Os deslocando da folclorização para o protagonismo histórico. O que os seus projetos dizem é que o modelo de pensamento e desenvolvimento que nos trouxe até aqui não nos levará adiante.

NOSSOS PASSOS VEM DE LONGE

Moradora da Rocinha, no Rio de Janeiro, Ana Lucia Costa usa a gastronomia para gerar oportunidades de trabalho e renda para mulheres. Especialmente no contexto pandêmico, ela percebeu que muitas pessoas ficaram em situação de insegurança alimentar, então, ofereceu o que sabia e poderia fazer bem. O projeto foi se transformando no caminho, está prestes a nascer um negócio social de alimentação.

Diferente das nomeações protocolares nascidas de pesquisas frias e impessoais de mercado, Ana vai celebrar quem abriu os caminhos para ela e tantas outras.



“Se chamará Instituto Ana Preta, em homenagem à minha mãe e minha avó. Tem histórias de pessoas em minha família que perderam o coró da pele para que eu chegasse até o dia de hoje. Este nome honra a minha ancestralidade”, justifica.

Para essas lideranças, a memória é um elemento central de elaboração de futuros e não pode ser simplificada pela cultura da lembrança. Michele e Thatiele Estevão, da Associação Quilombola Vila Santa Efigênia e Adjacências, trazem isso em suas atividades e falas.



“Muitos dos nossos voluntários perderam o núcleo familiar, que é o aposentado. Muitas vezes, ele é a base econômica da família. Então eu comecei a ficar com vontade de transformar esse projeto em uma empresa de alimentação para gerar trabalho para essas pessoas que ficaram”, diz.

Do quilombo da zona rural de Mariana, em Minas Gerais, as irmãs explicam que o autorreconhecimento é só o primeiro passo de elaboração da identidade individual e coletiva de sua comunidade.

Com o conhecimento construído na oralidade e poucos registros em outros formatos e suportes, explicam que uma parte da memória se perdeu e que parte do trabalho delas hoje em dia é justamente reorganizá-la. É a autoidentificação, explicam, que gera a valorização das manifestações culturais – dos rituais à cultura alimentar.

“

“As pessoas conseguem dar respostas às violências contra os quilombolas se conseguirem compreender historicamente quem são, como chegaram aos dias de hoje”, defende Michele. “A cabeça muda quando isso acontece”.

A mesma ideia é defendida pela Alcilene Rosa, presidente da Associação Quilombola Quebra Chifre em Riachuelo, no Sergipe.

“

“Eu olho para as crianças e tento me dedicar à formação delas para que se auto reconheçam desde agora. Tenho a impressão de que as crianças se entendem bem mais rápido como um quilombola”.

Outro papel da memória, percebe-se, é na repactuação de hábitos e comportamentos que ferem formas de ser e estar no mundo de pessoas da comunidade. Como exemplo, Thatiele usa o forró como ferramenta para educar homens contra a cultura do assédio, estruturalmente arraigada em sua comunidade e na sociedade como um todo.



“

“Outro dia eu cheguei numa festa e um aluno me viu logo na entrada. Rapidamente se arrumou todo, mostrando que não estava fazendo nada que não fosse consentido”, relembra.

Foi a importância histórica da dança, a maneira como ela é percebida e valorizada pelas pessoas nas festas e celebrações, que despertou Thatiele para trabalhar isso em favor de uma mudança de comportamento. De novo, a memória para além da lembrança, como estratégia para elaboração de futuros.

“

“As mulheres sentiam vontade de ser livres, mas ainda não conheciam a liberdade”.

OUTRA MATRIZ DE PENSAMENTO PARA UM MUNDO EM EMERGÊNCIA

A maneira de perceber, interpretar e elaborar o mundo molda as ideias, os comportamentos e as decisões. No trabalho dessas lideranças saem de cena a cultura da binaridade, do individualismo, e entram o cultivo da cooperação, da pluralidade. É uma escolha pela organização circular da vida, ao invés da cultura linear da maioria da sociedade. A força é matricomunitária.

Por exemplo: ao lado de Alcilene existem mais 11 mulheres dinamizando a vida comunitária, organizando os interesses comuns, na mobilização de oportunidades. É este grupo que se reveza para ocupar espaços de influência e decisão sobre temas de interesse de quilombolas no Sergipe. Michele e Thatiele explicam o mesmo, que possuem conhecimentos e habilidades complementares e é assim que trabalham - juntas. Um rompimento com a supervalorização de determinadas habilidades em detrimento a outras, uma cultura forte nos espaços de liderança.



“Desenvolvimento para o não indígena”, pontua Paulo dos Santos, “é entrar num território sagrado e tirar a natureza para plantar prédios. Isso para mim é retrocesso”.

Ele tem 23 anos e é uma jovem liderança do povo Tabajara, no litoral sul da Paraíba. Mobiliza, entre outras ações, o reflorestamento do seu território. Na defesa conceitual de mundo que busca construir, Paulo pensa transformação a partir do equilíbrio, não em cima de avanço a qualquer custo.



“O não indígena visa o lucro acima da vida. A nossa prática dominante é a defesa das nascentes, da natureza. É de onde brota todas as condições para se viver”, sintetiza.

Quando perguntada sobre como entende saúde, Ana Lúcia resume assim:



“A gente ainda entende saúde como ausência de doença. São os indicadores sociais que nos mostram a saúde das pessoas e de um território: se moram longe ou perto do trabalho, se conseguem ter lazer com a família nos tempos de descanso. Há muito tempo o conceito foi superado”.

Na prática, a criadora do futuro Instituto Ana Preta está propondo uma ruptura com a forma hegemônica como tem se pensado saúde, modelo mental que parte sempre dos mesmos lugares, das mesmas pessoas, a partir dos mesmos referenciais conceituais e históricos. Mudar a chave de compreensão do que é saúde faria com que o Estado precisasse redesenhar suas prioridades, as políticas e estratégias. Um dos movimentos necessários para que os brasis sejam considerados pelo Brasil.

O FUTURO É ANCESTRAL

“Eu sou uma mulher experimental, experimento as coisas com as quais vou me encontrando. Minha formação empírica é uma mistura de muitas coisas, de muitas pessoas. A formal é um suporte”.

Foi assim que a Stéphanie Campos começou a explicar o trabalho que faz no Flor de Milho Quilombo de Artes na periferia de Natal, no Rio Grande do Norte. Criado em 2017, a iniciativa é um coletivo quilombista que impulsiona comunidades abertas de aprendizado a partir da troca de saberes. **O resultado é o fortalecimento individual e coletivo do território.**

O que Stéphanie propõe ao mundo é um entrançamento entre os saberes ancestrais e as possibilidades disponíveis no agora – seja elas de linguagens, ferramentas, recursos. Ela dedica boa parte do tempo na escrita de projetos para o espaço. Artista, ela ressignificou uma tarefa que de primeira vista parece burocrática.

“Quando eu estou desenhando uma proposta, eu gosto de pensar que este é o meu momento de sonhar tudo que gostaria de colocar no mundo”.

E é assim, de oportunidade em oportunidade, que ela vai materializando um projeto de futuro, que ressalta, é coletivo.

“Meu movimento se alimenta de imagens de futuro. Posso não saber como chegarei até lá, mas eu tenho algum lugar para onde ir. E este lugar futuro tem raízes profundas na ancestralidade”.

É na mistura das linguagens artísticas e culturais feita pela Stéphanie; ou nos movimentos que ressignificam, e não descartam a tecnologia como no caso de Paulo – eles estão colocando no mundo um coletivo de audiovisual indígena para contarem sua história em primeira pessoa – que se materializa as premissas, os princípios e valores de outra maneira de pensar e manobrar a vida – outro jeito de compreender o próprio impacto social.

Nas ideias, vozes e projetos dessas lideranças uma transformação que só é completa se for interseccional, se não deixar ninguém para trás. Uma transformação que reconhece e honra todos seres e maneiras de viver a vida, que propõe outra ética das pessoas consigo mesmas e com o mundo ao redor. São tecnologias sociais para superar os desafios do mundo de hoje, sem que seja preciso renunciarmos à nossa volta para a casa.

Expediente

IDEALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO:

INSTITUTO VOTORANTIM

Ana Paula Bonimani
Bianca Beltrami
Rafael Luis Pompeia Gioielli
Thamara Coelho Pedroso

contato@institutovotorantim.org.br

Agradecimento especial a todas as lideranças que participaram ativamente do Hub de Lideranças do Instituto Votorantim e são diariamente agentes transformadores de suas realidades.

Clique aqui e conheça mais sobre cada líder:
www.programacidadania.org.br/hub-de-liderancas/

PARCEIROS TÉCNICOS DE EXECUÇÃO

ekloos

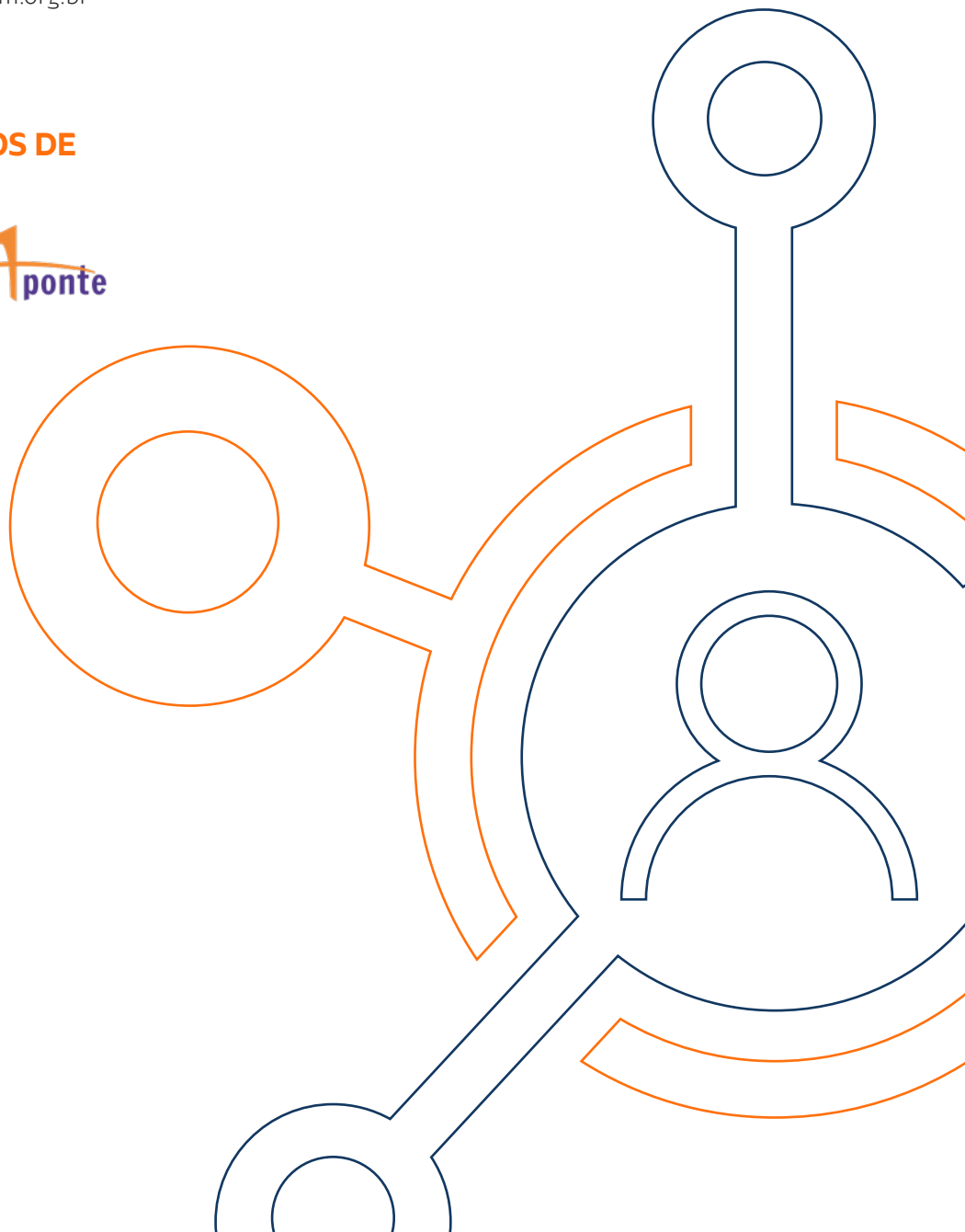
ponte | ponte

REDAÇÃO

Tony Marlon

DIAGRAMAÇÃO

Brief Comunicação





instituto
VOTORANTIM



programa
cidadania